



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MÁRIO CÉSAR CASSEL

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-112

Entrevistado: Mário César Cassel

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS – Porto Alegre/RS

Entrevistadores: Luanda Dutra / Leon Kaminske

Data da entrevista: 04/05/2005

Transcrição: Luanda Dutra

Conferência Fidelidade: Luanda Dutra

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Luanda Dutra / Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 112/01-A e 112/01-B

Total de gravação: 60 minutos

Páginas Digitadas: 22

Catálogo: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02120/2010/01

Nº da fita: 02120/2010/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

CASSEL, Mário César. *Mário Cassel (depoimento, 2005)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Envolvimento com a Escola de Educação Física; participação no atletismo; Diretório Acadêmico durante a Ditadura Militar; participação no Congresso da UNE; trabalho frente à direção da Escola; alterações no currículo; trabalho na Pró-Reitoria, na casa do estudante, no restaurante universitário.

Porto Alegre, 04 de maio de 2005. Entrevista com Mario César Cassel, a cargo dos entrevistadores Luanda Dutra e Leon Kaminske para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.K. – Professor, como iniciou seu envolvimento com a ESEF¹?

M.C. – Bem, desde muito novo, com pouca idade eu comecei a gostar de esporte, jogando futebol de mesa, botão, inclusive organizando torneios de botão na cidade onde eu morava, Montenegro², e joguei basquete. Quando eu vim para Porto Alegre, eu também remei no Barroso³. Isso fez com que eu... E atletismo na SOGIPA⁴ que foi o esporte que eu mais pratiquei. Isso fez com que eu criasse gosto pela Educação Física, pelo esporte e, naquele tempo, a educação física era muito ligada ao esporte, não só ao esporte, mas também as forças armadas, digamos assim. Bom, então foi o que me trouxe a fazer o vestibular para educação física.

L.K. – A sua formação pessoal dentro da Escola⁵, a área que seguiste?

M.C. – Bem, por ter sido atleta e continuar sendo atleta como aluno da Escola na SOGIPA, atleta de atletismo, eu comecei a auxiliar os professores nas aulas de atletismo porque os professores tinham alguma idade. Eu era jovem e, por outro lado, também os colegas me ajudavam em outras disciplinas como tênis, como natação, porque eu era um afogado na verdade, na época que eu fui aluno da Escola. Imagina eu jogando pólo-aquático, aquele tempo tínhamos pólo-aquático na Escola. Se eu era afogado na natação, eu jogando pólo-aquático devia ser uma coisa muito linda. E, então tive esse envolvimento inicial de ajudar o ensino de atletismo no caso, os professores solicitavam e eu auxiliava na parte prática. Também, não sei se é o caso desse momento falar, eu comecei também a militar na área estudantil. Anteriormente fazendo o segundo grau no colégio Rosário⁶, eu fui secretário do tesoureiro do grêmio estudantil Rosariense. Chegando aqui na Escola, dei de cara com o

¹ Escola de Educação Física - UFRGS

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

³ Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder-Club Germania que foi fundado em 29 de outubro de 1892.

⁴ Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

⁵ ESEF

membro do diretório acadêmico. Passei por várias secretarias do antigo DAEFI, Diretório Acadêmico dos Estudantes de Educação Física, chegando à vice-presidência e depois a presidência do diretório.

L.K. – Participou do Diretório Acadêmico em 1963, 1964. Como é que foi a reação do Golpe Militar, da revolução com o movimento estudantil do período?

M.C. – Bem, o ano de 1963 foi tranqüilo, não houve problema nenhum, eu estava como vice-presidente do Diretório Acadêmico, mas nós fizemos uma eleição no final de 1963 e eu fui eleito presidente nesse final de ano, 1963. Quando começou 1964, o Golpe Militar de 01 de Abril que foi trazido para o dia 31 de Maio, de Março para não cair nesse dia interessante assim, começou a apertar os movimentos estudantis. Nós fizemos uma reunião lá no Bar do Antonio, na Faculdade de Filosofia, todos os diretores, todos os presidentes dos Diretórios, e não só presidentes, também outros membros da direção dos diretórios. Na ocasião nós assinamos um manifesto a favor do presidente que foi eleito, no caso vice-presidente que tinha assumido no lugar de Jânio Quadros, João Goulart. Nós assinamos um documento a favor dele e seria alguns dias depois de 01 de Abril, dia três ou quatro talvez de abril daquele ano de 1964. Inclusive, depois fomos levados até a depor, alguns foram soltos imediatamente como foi o meu caso. Era um jovem de 19 anos de idade, alguns eram mais velhos, os líderes do movimento, e, no dia seguinte, eu estava voltando para a Escola e o diretório acadêmico havia sido arrombado e nós tínhamos recentemente trazido para distribuir, vender logicamente entre os estudantes, camisetas, sacolas para botar material esportivo, pastas para botar os livros, flâmulas que se usavam muito na época e o diretório acadêmico foi arrombado. Nós tivemos muitas coisas lá dentro roubadas, inclusive isso que eu citei foi toda levada embora. E foi indicada uma comissão de sindicância pelo arrombamento do diretório. Então, foram colocados três alunos da Escola que eram ligados ao serviço militar, eram dois rapazes da brigada militar e um era aluno do CPOR⁷ e os três então fizeram uma sindicância e, lá pelas tantas, nós tínhamos que pagar, a direção do diretório tinha que pagar o que sumiu ali dentro, inclusive pagamos o que não sabíamos o que tinha lá dentro. Porque, na verdade, as coisas que foram relatadas que existiam lá dentro não tinham lá dentro, tinha uma relação anterior que o almoxarifado, que

⁶ Colégio Marista Rosário, fundado em 1904 pelos irmãos Louis-Bernard e Ambroise-Michel.

⁷ Centro de Preparação de Oficiais da Reserva.

a Escola tinha feito e, na época, nós acabamos, os pais na verdade, o nosso grupo era um grupo muito jovem, os pais acabaram pagando. Alguns também ajudaram a pagar do seu bolso próprio, eu não tinha condições de pagar, rateamos entre seis ou sete pessoas o valor daquilo ali. Foi uma coisa muito pesada aquilo. Para o meu pai pelo menos foi muito pesado aquilo. Para não sairmos como ladrões do diretório acadêmico. Arrombaram o diretório acadêmico à noite, à tarde, não sei, porque nós saímos daqui ao meio-dia e chaveamos o diretório. Colocávamos um cadeado inclusive na porta do diretório. Nunca tinha sido feito um arrombamento e, naquela noite, foi arrombado o diretório e aconteceu tudo isso que eu acabei de relatar.

L.K. – Voltando um pouco antes, o senhor como membro do diretório acadêmico na secretaria de esportes, como foi, qual a participação do diretório acadêmico dentro da Universiade⁸?

M.C. – Bem, quando faltava quatro ou cinco meses antes do início da Universiade, houve um, digamos assim, um horror por parte dos organizadores, porque a Universiade começou em final de agosto daquele ano, 1963, porque muitas poucas pessoas estavam trabalhando na Universiade. Então vieram até a Escola para solicitar apoio e a Escola era a única Escola de Educação Física do Estado, na atual oportunidade. A Escola seguinte foi fundada em 1969 em Santa Maria⁹. Então a direção veio até a Escola, até o diretório acadêmico e nós nos propusemos a auxiliar de forma, logicamente, gratuita. Não havia condições de pagamento, então começamos a fazer cursos paralelos à Escola, de arbitragem, natação, atletismo, enfim, esgrima, alguns ajudando, outros faziam súmulas e tal. E alunos jovens aqui na Escola, com a mesma faixa etária hoje dos alunos da Escola, tornaram-se árbitros internacionais como eu, por exemplo. Eu tinha dezoito anos de idade. Até por causa da minha experiência em atletismo acabei sendo árbitro da prova do salto em altura e salto com vara da Universiade, onde na prova de salto em altura havia o recordista mundial da prova o [palavra inaudível] que tinha na oportunidade 2 metros e 32 centímetros de salto em altura, em 1963. Tu vê só. Hoje o recorde mundial subiu um pouquinho mais que 11 centímetros em todo esse tempo. Então da Escola foram guindados os árbitros

⁸ Jogos Mundiais Universitários, organizados pela FISU (The International University Sports Federation). A Universiade aconteceu em Porto Alegre entre os dias 30 de agosto e 09 de setembro de 1963.

⁹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

internacionais de atletismo, natação, tênis. E é uma coisa que ainda tem até hoje esse curso de arbitragem de atletismo e natação. Foi natação e atletismo e assim praticamente todos os alunos da Escola participaram ou na comissão de desfile, alguns ficaram no desfile, outros ficaram na recepção porque alguns falavam línguas e foram intérpretes também e alguns foram árbitros ou simplesmente auxiliaram na Universíade.

L.K. – Com relação à vinda da Escola aqui para sua sede própria?

M.C. – Bom, eu comecei a Escola lá na Associação Crista de Moços¹⁰ ta, na Washington Luis¹¹, onde até hoje é a sede lá. E nós tínhamos um deslocamento muito ruim para fazer, porque, naquele tempo, poucos alunos dispunham de condução própria, e, digamos assim, a distribuição dos ônibus em Porto Alegre era diferente de hoje. Não havia, por exemplo, ir daqui da ESEF até digamos a SOGIPA. Nós tínhamos que ir até o centro e do centro pegar um ônibus, um bonde para a SOGIPA, não havia como fazer ligações entre bairros no caso. Bem, então, nós tínhamos aula de atletismo na SOGIPA, aula de tênis na SOGIPA, às vezes, o tênis era de frente a caixa d'água ali no Moinhos de Vento¹², o atletismo às vezes podia ser também no Parque Farroupilha¹³, a natação era aqui no Petrópolis Tênis Clube¹⁴ ou na SOGIPA, o remo era no Parque Náutico¹⁵. Então nós vivíamos como verdadeiros ciganos atrás das aulas da Escola [toca o telefone] e, muitas vezes, não éramos compreendidos pelos professores que estavam nos recebendo naquele lugar distante, porque nos cobravam o horário do início das aulas, que era uma coisa absurda. Bom, então os membros do Diretório Acadêmico, no final do primeiro semestre de 1963, fizeram um movimento entre os discentes e acabamos resolvendo, em uma assembléia geral, que, a partir do reinício das aulas do segundo semestre, nós estaríamos tendo as aulas aqui no Jardim Botânico¹⁶ que, naquela oportunidade, era bem longe do centro da cidade. Era uma zona assim quase que distante, era um arrabalde de Porto Alegre, o Jardim Botânico. A Escola já estava com o ginásio pronto aqui e aquela sala onde hoje ali é aquele prédio da direção e rítmica. Eram os dois prédios que existiam. Bom, então o que aconteceu? Não

¹⁰ ACM - Fundada no dia 26 de novembro de 1901

¹¹ Rua do centro de Porto Alegre

¹² Bairro de Porto Alegre.

¹³ Também conhecido como Parque da Redenção, doado a cidade em 24 de outubro de 1807 pelo governador Paulo José da Silva Gama

¹⁴ Petrópole Tênis Clube, fundado em 07 de setembro de 1941.

¹⁵ Parque Náutico do Rio Grande do Sul, inaugurado em 16 de dezembro de 1968,

havia luz, não havia vidro nas janelas e outras falhas também, estava abandonado, logicamente que banheiros arrebentados, vasos sanitários arrebentados, pisos arrebentados e tal, porque, depois de construído, não tinha sido ocupado. Então chegou em agosto daquele ano, no primeiro dia de aula, nós estávamos aqui. Digo que sempre teve alunos que furavam esse movimento, mas, 80% dos alunos, vinham para cá. 10% ficavam em casa e outros 10% iam para a ACM. E nós ficamos aqui insistindo, havia um ponto paralelo, uma presença paralela aqui na ESEF e fomos insistindo. Íamos para a frente da ACM fazer protestos, até que, mais ou menos, após uns vinte dias, umas três semanas de manifestação, a Escola veio para cá e veio de forma, digamos assim, paulatina, mas veio. Isso aqui no fundo era um mato praticamente, os alunos tiveram que cortar a grama e cortar grama não com máquina de cortar grama, cortar grama com foice no caso, porque a grama estava muito alta. Marcamos as quadras, porque o chão do ginásio não tinha marca nenhuma, então marcou vôlei, bola e basquete, porque naquele tempo ainda não se tinha o futebol de salão na Escola e também não se tinha o handebol de salão. Handebol era handebol de campo, então somente o voleibol e o basquete se marcou aqui no ginásio. E as aulas... Havia um colégio - ali do lado era o colégio Diogo de Souza¹⁷ que está com a gente hoje, que nós ocupávamos as salas também ali e aqui em cima desse prédio da frente do ginásio, administrativo e foi assim que nós empurramos goela abaixo da direção da Escola a vinda para cá. Claro que a Escola teria vindo um pouco mais tarde, talvez um meio ano, um ano depois sei lá quanto tempo depois, mas foi um momento muito decisivo. Agora em agosto desse ano, estará fazendo 42 anos que a Escola está no Jardim Botânico.

L.K. – Como era a relação em 1963, 1964 - não sei se continuou do diretório acadêmico - com o Movimento Estudantil Nacional de Educação Física?

M.C. – Sim. Fiz parte da delegação da ESEF e gaúcha, no caso. Devemos ter ido para lá, talvez com quatro ou cinco ônibus, em São Bernardo do Campo¹⁸, que foi o último, digamos assim, Congresso Nacional da UNE¹⁹. Também tenho em casa, posso trazer aqui os documentos que tenho em casa, que foi na Regular, que o seguinte foi aquele que foi, o

¹⁶ Bairro de Porto Alegre onde se localiza a ESEF.

¹⁷ Colégio de D. Diogo de Sousa, fundado em 1949.

¹⁸ Cidade do estado de São Paulo.

¹⁹ União Nacional dos Estudantes, fundada em 1937.

Congresso [palavra inaudível] que foi feito, em São Paulo também, mas não me lembro o nome da cidade, não me recordo o nome da cidade onde esteve...

L.K. – Esqueci também.

M.C. – Piauí não. Bom, é um nome assim que termina com “i”. Que foi onde foi preso muita gente e tal, foi em uma fazenda. Esse nós não fomos porque, enfim, foram outras pessoas que foram para lá, não podia, até porque eu tinha sido - esse Congresso foi mais ou menos em Junho de 1964 - eu tinha sido caçado aqui pelo diretório acadêmico. Então o outro, o pessoal que estava dirigindo o centro acadêmico era esse grupo de três militares, no caso, que não foram ao Congresso, que com toda a certeza não foram ao Congresso.

L.K. – Tu tens conhecimento da UNEF, União Nacional de Estudantes de Educação Física, e do Congresso Nacional de Estudantes de Educação Física que teve em 1963?

M.C. – Sim. Nós fizemos aqui em cima da Escola o Congresso. Os nossos colegas, veio gente do Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Pernambuco²⁰, eu acho que foi somente isso aí. Pernambuco eu me lembro, Espírito Santo com certeza, é São Paulo e Rio²¹. A UnB²² na época que hoje é a UFRJ²³, que era chamada a UnB, São Paulo e nós aqui de Porto Alegre, além de Curitiba. E foi interessante, se discutiu muita política estudantil na época, inclusive houve eleição na oportunidade do novo presidente da UNEF, mas houve um momento que logo depois do golpe militar de 1964 ele, não sei se desapareceu ou se enclausurou em algum lugar, e não apareceu mais depois.

L.K. – Como era a discussão de vocês como diretório acadêmico, como estudantes em relação ao currículo da Escola?

M.C. – Bom, a Escola quando eu comecei, tinha muito cunho militar, ou seja, nós até ao começar uma sessão de qualquer aula, de todas as aulas melhor dizendo, nós tínhamos que

²⁰ Estados Brasileiros

²¹ Rio de Janeiro, Estado Brasileiro

²² Universidade de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1962.

²³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada no dia sete de setembro de 1920.

fazer uma formação, tirar distância entre um e outro, ficar numa posição de firme, de sentido no caso. O professor chegava, nos cumprimentava e mandava nós ficarmos à vontade, fazia a chamada e, em hipótese alguma, era permitido que o aluno chegasse atrasado na aula. O aluno atrasado não participava da aula, ele até poderia assistir a aula encostado na parede alguma coisa ali, ver uma aula de basquete, mas não participava. O uniforme também era uma coisa muito importante. O uniforme era muito simples, era um calção preto, camisa branca, meias brancas e o tênis era livre, o tênis poderia ser qualquer inteiro, branco, aquele tempo era tênis branco ou preto, não havia tênis colorido como hoje em dia tem. E a natação também tinha as meninas de maiô inteiro, não era permitido que as meninas fizessem aula de maiô duas peças ou coisa parecida e os rapazes com, eu diria que um sungão, um sungão assim que tapava a perna como se fosse, não sei, para descrever assim fica um pouco difícil, mas uma sunga mais comprida, mais... Só comprida. Ela era aderente ao corpo, mas mais comprida no caso. Alguns professores já começavam a mostrar alguns sinais, uma abertura e tal, porque não eram assim tão rígidos nessa parte, mas outros eram bem rígidos. Nós tínhamos vários aqui na Escola, professores militares que eram da brigada ou do exército. Nós tínhamos pelo menos na época o Coronel Targa²⁴, que foi diretor da Escola, o Coronel Pandolfo²⁵ que era professor de esgrima, nós tínhamos o Coronel que dava ginástica geral, esqueci o nome dele, Coronel Moreira²⁶ da ginástica geral. Nós tínhamos médicos, que eram médicos militares também, que eram médicos da brigada militar, e o Coronel Sofia, Francisco Sofia²⁷ que também era Coronel e o restante que não era militar tinha um conduta militar também porque foram educados, em termos da educação física, dentro dessa doutrina militar, que, diga-se de passagem, foi o começo da educação física. Não podemos dizer que isso foi uma coisa, como tudo evolui na vida, a gente, como militar sempre fez educação física, não quer dizer que, eu não condeno isso aí, mas era a conduta que se tinha. Aos poucos, foi cada vez mais se tornando civil a educação física. Deixou de ser uma coisa militar e com isso a abertura começou a ser cada vez maior, a ponto de chegarmos aos dias de hoje com o que nós temos aí na rua. Inclusive, nos colégios, naquele tempo, era comum termos um professor de educação física, entre aspas, que era um cabo da brigada, um sargento da brigada. Eu, por exemplo, estudei em Montenegro, nosso professor de educação física era um sargento da brigada militar.

²⁴ Jacintho Francisco Targa.

²⁵ Carlos Pandolfo.

²⁶ João Gomes Moreira Filho.

²⁷ João Francisco Sofia

L.K. – Uma coisa, tinha época do D.A., você ou algum outro membro do D.A. chegou a ter algum envolvimento com política partidária, na época?

M.C. – Não, não. Alguns de movimentos de outras Escolas, de outras faculdades da UFRGS sim, a gente sabia que tinham, que faziam parte dos pcs na época, mas aqui na Escola não se tinha isso. Se alguma tendência de direita, de esquerda era um pouco imperceptível.

L.K. – Qual era o perfil dos estudantes...

M.C. – Na época?

L.K. – Na época. Estudantes, professores, socioeconômico e cultural?

M.C. – Eu diria o seguinte: na parte econômica, por exemplo, eram pessoas de origem humilde, origem mais pobre assim, vinham de uma camada, diria assim, da população que seria hoje para nós, a camada C, em termos econômicos. Eram pessoas muito ligadas a esportes, nós tínhamos aqui dentro ex-jogadores de futebol, ex-jogadores de basquete, ex-atletas de atletismo, ex-atletas de esgrima, ex-atletas de não sei o que e, raramente, tínhamos curiosos, digamos assim. Nós chamávamos de curiosos os que não eram atletas. Às vezes, atletas de determinadas modalidades esportivas não chegavam de nível alto, mas eram atletas. Então havia na Escola, inclusive em anos anteriores, como que vou te dizer, muito mais cadeiras práticas do que teóricas e outra coisa: nessa época que eu entrei, que eu fui aluno na Escola, os alunos não queriam saber de aulas de socorros, de urgências, de higiene, de anatomia, de fisiologia, de não sei o que. Eles queriam saber de jogar basquete, jogar vôlei, fazer esgrima, fazer judô, fazer handebol. Isso era gostoso, mas na hora que tinha que ser assim uma aula teórica, uma aula em sala de aula, o pessoal não gostava muito.

L.K. – E depois do passar dos anos até o momento em que vocês saíram da Escola, bem como docente, poderia nos relatar um pouco essa mudança?

M.C. – Houve uma mudança muito forte. Eu diria que até eu me aposentar em 1995, a mudança foi muito forte, a ponto de nós, a partir de 1987, termos um currículo na Escola aberto, ou seja, o aluno faz o seu currículo. Até hoje ocorre. Até então, mais ou menos em 1978, 1979, eram poucas cadeiras que eram optativas, o resto, tudo obrigatória. Não tinha com escapar de fazer natação, fazer não sei o que, porque tinha que fazer mesmo. O cara que era ruim naquela disciplina rodava e tinha caso de gente que não se formou porque era afogado na natação. Não se formou. Teve gente que não se formou porque não conseguia saltar com vara ou saltar o mínimo do salto com vara, mas era reprovado e tal, mas às vezes conseguia. A Escola começou a mudar a exigência do aluno porque se chegou à conclusão de que - eu era que defendia isso - quando eu sou jovem, eu salto com vara, eu arremesso peso, eu jogo basquete, eu acerto em cesta, eu jogo vôlei, salto alto, jogo futebol direitinho e, quando eu tiver 55 anos de idade, será que eu vou estar fazendo tudo isso ainda? Vou estar arremessando peso direitinho ainda, vou estar saltando alto para enterrar uma bola no voleibol? Então, essa foi a... Será que é importante eu chegar em aula e mostrar para o aluno que eu enterro uma bola de voleibol no chão? Não. Eu vou ter que fazer uma manchete, uma recepção da bola com as duas mãos, saber dar um saque, enfim, que o jogo seja jogado de uma forma recreativa. Se ele for querer fazer esporte mais alto nível, ele que vá procurar um clube. O professor tem que na verdade ensinar as coisas fundamentais do esporte. Enfim, o esporte recreativo. Tu sabe, com algumas regras tal que tem que haver, com algumas, com pouco de técnicas porque quem não sabe jogar nada de voleibol é uma tristeza também, se o aluno não faz uma manchete correta e...

L.K. – E as mudanças também desse período da questão da estrutura da Escola, como é que tu viste?

M.C. – Bom, eu creio que na verdade a Escola começou a mudar a partir da década de setenta. Começou a haver umas mudanças fortes, fundamentalmente com a entrada, com a ida da Escola para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1969. Foi decidido que ela passaria para a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que ela era isolada, por isso que ela tinha o nome de superior, Escola Superior de Educação Física, porque tinham Escolas que não eram superior, que não davam curso superior e a nossa dava. Quando nós entramos para a Federal em 1971, outubro de 1971, aí começou a mudança na Escola, Começaram a entrar disciplinas dadas por outros departamentos da Escola. Anatomia, por

exemplo, que era dada por um professor do centro. Enfim, da área da medicina, da área da saúde. A parte pedagógica era dada pelo pessoal da pedagogia. Enfim, foi uma mudança bastante forte na Escola, inclusive alguns professores ficaram pouco ociosos aqui na Escola. Começavam a ocupar os professores com outras coisas. E, em termos de construção de escolas, proporção de coisas aqui na Escola, eu diria que ela deve ter começado na minha gestão como diretor. Não cheguei a falar ainda que fui diretor da Escola em 1984. Eu fui honrado com a escolha pelo professor Ferraz²⁸, que estava sendo Reitor da UFRGS. Depois de vistas de alunos, servidores, técnico-administrativos e professores que foram feitos aqui na Escola, primeiro na lista de alunos e de servidores e segundo na lista de professores, eu acabei sendo diretor da Escola. Nós construímos, na época, as salas de aula que estão ali em baixo, a biblioteca, a sala de musculação, o bar, o terceiro módulo ali estava no projeto, mas não conseguimos fazer, fizemos um convênio com a Escola de Colônia, na Alemanha. Foi muito importante porque vários alunos já formados foram para lá e fizeram - pelo menos eu tinha o número de oito, não sei se foram mais para lá -, vieram professores para cá, três professores nossos foram dar aula em Colônia, na Alemanha e a biblioteca atual foi construída também. Eu tinha, anteriormente falado em particular para ti, vou falar novamente, a nossa biblioteca era muito fraca aqui na Escola e os livros estavam atirados na biblioteca quando assumi. Havia um bibliotecária que não vinha cumprindo sua função corretamente e, como eu naquele ano de 1960, perdão de 1984 em um concurso na universidade para ingresso de bibliotecárias, nós conseguimos ver com a administração da universidade que nós precisávamos fazer uma nova biblioteca na Escola e o que existia era um amontoado de livros e não uma biblioteca. Então, conseguimos que viessem durante cinco meses para cá, oito bibliotecárias que praticamente ocuparam uma outra sala e traziam um livro para a outra sala, montando uma nova biblioteca e nesse acervo que foi feito - que ficaram três mil e poucos livros na biblioteca nova e três mil foram descartados que não tinham nada a ver com a educação física - tinha livros sobre romances, sobre sexo e sei lá. Não tinha nada a ver com educação física. Então esses livros foram destinados a outras bibliotecas no caso, e nós fizemos a nossa biblioteca que então lá no local onde hoje está a biblioteca Edgar Sperb que pouca gente sabe o nome da biblioteca.

L.D. – Quem foi o Edgar Sperb?

²⁸ Francisco Luis dos Santos Ferraz, Reitor da UFRGS (1984 a 1988)

M.C. – Foi um professor da Escola.

L.D. – Professor da Escola, de que?

M.C. – Antes de mim lá, isso por volta de 1940, quando eu tinha poucos anos de idade. Na época eu tinha uns cinco ou seis anos de idade, não posso saber o que ele foi. Aí tem que ser uma pesquisa mais forte.

[FINAL DA FITA 112/01-A]

M.C. - Então houve uma melhoria na sala de ginástica rítmica na ocasião, que as professoras se queixavam que as luminárias da sala eram muito baixas. Então, uma coisa muito simples: levantamos as luminárias, fizemos uma adequação do solo arrumando o solo novamente e botamos um som condizente com a ginástica rítmica, no caso. Instalamos - aqui do lado tinha uma piscina antiga - instalamos, fizemos um acordo com a secretaria de educação física do MEC²⁹, fizemos um tanque de remo para remar parado, o remo, o barco parado e a água correndo, fizemos uma reforma no estacionamento que já não é mais esse, porque foi reformado novamente. E essas foram as reformas que se fez na Escola na oportunidade em termos materiais. E teve algumas realizações administrativas na Escola que foram importantes: trouxemos o Centro Olímpico como órgão auxiliar da Escola - o Centro Olímpico embora estivesse junto no mesmo espaço aqui, nos dez hectares aqui da Escola, ele pertencia a PRUNI³⁰, era órgão suplementar da PRUNI -. Então, havia sempre um cotejo, uma briga entre direção da Escola e direção do Centro Olímpico, não se entendiam e, na nossa gestão, nós conseguimos então fazer com que... Primeiro conseguimos com o Pró-Reitor que ele indicasse uma pessoa da nossa confiança e conseguimos fazer, através de um processo que foi feito, depois formado comissões para estudar, que, no final da nossa gestão, no dia - eu saí no dia 22 de dezembro de 1988 - dia 14 de dezembro de 1988, o Reitor assinou uma portaria passando o Centro Olímpico para ESEF como órgão auxiliar e com toda dotação orçamentária, era importante também. Bom, a biblioteca, falei alguma coisa a respeito da parte material. Agora vou falar um pouco da parte administrativa da biblioteca. Por incrível que pareça, nós não tínhamos uma leitora de

²⁹ Ministério da Educação e Cultura

³⁰ Pró-Reitoria da Comunidade Universitária

microfilme, nós já tínhamos microfilme, mas não tínhamos o leitor. Então, nós compramos o leitor de microfilme e instalamos um microcomputador que pudesse se interligar a Escola com as outras...

L.D. – Unidades.

M.C. – Unidades da universidade. Uma coisa inédita. Um aluno precisava saber se tinha um livro de tal coisa num campus, não sabe, ele tinha que ir lá no campus para saber, está interligado. E nós também ligamos a Escola - não sei se hoje ainda está ligado - com SIBRADIDE, Sistema Brasileiro de Divulgação do Desporto. Compunham esse SIBRADIDE, a Universidade Federal de Minas Gerais, a de Santa Maria, Pernambuco, São Paulo, Rio de Janeiro, Cuba, Espanha, Portugal e Canadá. Bom, em 1985, quando a Escola, quando nós pegamos a Escola, a universidade sempre fazia um levantamento, uma avaliação das bibliotecas entre outras coisas. A nossa biblioteca foi avaliada entre as cinco piores bibliotecas da Escola, da universidade. Em final de 1988 nós éramos as cinco melhores bibliotecas da Escola, da universidade. Uma coisa, uma mudança do dia para a noite, no caso. Também na esfera administrativa nós fizemos, naquela oportunidade, resgatamos uma galeria dos ex-diretores que, desde o primeiro diretor, o Capitão Lava Marta Silveira³¹, até o que o antecedeu que, se não me engano, foi o décimo segundo diretor da Escola, o Alduino Zílio. Então foi feito, inaugurado oficialmente um dia lá na sala dos professores, a academia dos ex-diretores e eu fui o décimo terceiro diretor, depois veio o Carioca³² catorze, o Henrique de Rose³³ quinze, o Ricardo³⁴ dezesseis, o Guimarães³⁵ dezessete...

L.D. – Ricardo...

M.C. – É, o Ricardo não sei se vai ser o dezesseis e o dezoito, no caso. Uma coisa muito marcante na nossa gestão foi que, não só por minha parte, mas por consenso, nós fizemos um troço registrado e com regulamentação. Nós fizemos uma consulta na universidade

³¹ Referindo-se ao Capitão Olavo Amaro de Oliveira

³² Paulo Gilberto de Oliveira, conhecido como “carioca”

³³ Eduardo Henrique De Rose

³⁴ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

³⁵ Antônio Carlos Stringhini Guimarães

sobre a eleição do meu sucessor. Aí foi uma consulta mesmo com todo regulamento. Nós pegamos na congregação da Escola que viria a ser feita a homologação, a palavra de todos que o resultado, que a confiabilidade resolvesse, ia ser homologado e de fato foi.

L.D. – Alunos, professores e funcionários?

M.C. – E funcionários.

L.D. – Ai que legal, foi a primeira gestão que foi.

M.C. – Foi a primeira vez que foi feito isso. Outra coisa que nós fizemos importante na Escola na ocasião: nós mostramos para Pró-Reitoria de Planejamento da universidade, de administração que o nosso curso era uma curso atípico em relação aos outros cursos. Enquanto, vamos supor, matemática é um quadro negro, um giz, um apagador, claro, não sei direito se é só isso que eles fazem lá, mas sai uma aula de matemática. Aqui nós precisamos de bola, de discos, de dardos, de martelos, de bolas de vôlei, basquete, futebol, futebol de salão, bolinhas de tênis, raquetes, conservação de quadras, conservação disso. Enfim, bomba de rebola e tal. Enquanto que a grama na faculdade de arquitetura é para bonito, aqui a grama faz parte de uma sala de aula, é uma sala de aula. Então, nós conseguimos mudar o orçamento da Escola que, era o décimo oitavo das vinte e quatro unidades da universidade na época, para o décimo terceiro orçamento da UFRGS. Houve um aumento considerável a partir de 1986. Eu entrei em 1984, final de ano, o orçamento de 1985 já estava pronto e nós conseguimos, a partir de 1986, a mudança do orçamento da Escola em relação às demais universidades. Importante também que nós começamos a ocupar espaço na universidade, nós começamos a ir ao encontro da universidade, éramos universidade, mais no caso, a Reitoria, a ponto de nós assumirmos, durante o ano de 1987, final de 1986 e início de 1987, cinco posições. Nós tínhamos cinco membros dentro do conselho da universidade, hoje tem outro nome, se não me engano.

L.K. – CONSUNI³⁶.

³⁶ Conselho Universitário

M.C. – CONSUNI. Cinco nomes, nós tínhamos uma representação discente lá dentro que não deixava de ser da ESEF, tinha o diretor que era eu, o membro dos professores, assistentes que era o professor José Carlos Albuquerque³⁷ que depois saiu da Escola, mas tinha o Krue³⁸ que era o representante dos auxiliares de ensino e nós tínhamos o De Rose que era dos professores adjuntos. Então, nós conseguimos e isso que era direito por votação da universidade toda, fizemos o trabalho tal que a pouco a universidade lá, a Escola de economia votava nos nossos aqui da Escola. Então foi algo assim, interessante que nós conseguimos cinco membros no conselho da universidade. Também foi nessa época que os técnicos administrativos começaram a participar dos jogos colegiados da Escola, embora por lei não pudesse, nós colocávamos os técnicos administrativos, os representantes dentro do colegiado do departamento, colegiado do conselho do departamento da Escola, da congregação que era o órgão mais alto da Escola que hoje tem outro nome também. Só que, lamentavelmente, eles não tinham direito a voto, porque aí qualquer decisão seria uma decisão nula pelo qualquer objetivo que seria feito, mas eles tinham direito a voz. Bom, quanto ao ensino, também foi uma coisa muito interessante que se fez, quanto à pós-graduação na ESEF. Por exemplo, havia cursos de pós-graduação começando em maio, começando em junho, em março, um era na piscina, outro era aqui em baixo, tinha outro que era lá não sei aonde. Nós conseguimos então reunir em uma única coordenação os cursos de pós-graduação, mesmo porque nós estávamos interessados em colocar um mestrado na Escola, que foi algo, aliás, na primeira reunião da segunda congregação nós formamos uma comissão para estudar a vinda do mestrado para cá. Então, coisas que nós conseguimos, o retorno do curso de medicina esportiva que estava sendo dado lá na medicina, trouxemos a partir de um trabalho que se fez da direção com a faculdade de medicina e mais ainda a Reitoria. Nós conseguimos trazer para cá, o que manda a lei, trouxemos para cá o curso de medicina esportiva. Nós fizemos uma reforma em termos de locais, centralizar nosso curso de pós-graduação. Todos eles passaram pela central, por esse coordenador geral, que foi na verdade para nós uma preparação para o futuro curso de mestrado que havia sido estudado na época, o curso de Mestrado das Ciências do Movimento. Então, foi na primeira reunião da congregação se fez uma comissão e integrava essa comissão a professora Lênea³⁹, que eu me lembre, o professor Ricardo Petersen, o professor Guimarães, o professor De Rose, o professor Camargo

³⁷ Nome sujeito à confirmação.

³⁸ Luiz Fernando Martins Krue

Neto⁴⁰. Resultou que, no dia 06/12/1988, vésperas também de uma eleição na Escola, a quinta câmara que era a câmara de pesquisa e pós-graduação, acabou aprovando o curso de mestrado aqui na Escola e, no ano seguinte, o mestrado começou aqui na Escola. Uma coisa importante que nós conseguimos fazer. É que o nosso currículo de educação física vinha desde 1971, na época que a Escola passou para a federal. Nós tivemos que reformular o currículo e há dezesseis anos ele não era reformado, inclusive com curso naquele tempo de três anos. Então, a partir de 1987, o curso virou de quatro anos. Nós fomos os culpados [risos] de vocês estarem fazendo em quatro anos a Escola, mas uma coisa importante aconteceu que o nosso currículo foi, muitas pessoas foram ouvidas para fazer o currículo. Nós fizemos dois seminários com gente de fora para ver como o nosso currículo seria feito e o nosso currículo foi o supra-sumo dos currículos de educação física no Brasil. Foi o primeiro currículo que saiu aberto no Brasil. Todos os currículos, até então, eram fechados. Obrigatoriamente tu terias que fazer tais cadeiras, quisesse ou não quisesse, teria que fazer e, a partir desse ano de 1987, o currículo passou a ser aberto. Então, é tu quem faz teu currículo. Tem algumas cadeiras básicas que são obrigatórias e tal e vamos seguir em frente. E também uma coisa importante que ocorreu a partir de 1988, em julho de 1988, nossa congregação, depois de estudos feitos também, foi outra coisa que nós estudamos durante a nossa gestão, foi extinta as provas práticas para egresso na Escola.

L.D. – Em 1988 apenas?

M.C. – Em 1988. Foi uma coisa que digamos assim, que nós perdemos muitos candidatos. Para ter uma idéia, teve um ano que - eu me recordo bastante porque eu fiz parte da comissão que fez as provas práticas - nós tivemos um número bastante sugestivo: dois mil e um alunos candidatos à educação física e foram aprovados quatrocentos e poucos alunos. Quer dizer que, na verdade, quem era aprovado no teste físico ia disputar três vagas por um, três alunos por vaga. Também em 03/10/1986 assinamos convênio com a Escola de Colônia, que nós vamos nos referimos novamente, com a vinda do professor [palavra inaudível] para cá, aí de alunos, ex-alunos nossos para lá e três professores daqui foram dar aula lá. Realizamos um seminário sobre pesquisa de educação física e ciências do desporto em 1985, assim como um pré-requisito para pensarmos nosso mestrado. Foi feito aqui na

³⁹ Lênea Gaelzer

⁴⁰ Francisco Camargo Netto

Escola. O Diretório Acadêmico fez e, nós ajudamos a parte administrativa, o primeiro Encontro Gaúcho de Estudantes de Educação Física, de 23 a 26 de outubro de 1987, aqui na Escola. Os alunos que vieram de fora dormiam nas salas de aula, comiam pelo ginásio, tinham ônibus que levavam os alunos até o R.U.⁴¹, para comerem no R.U.. Primeiro Encontro de Estudantes de Educação Física, de 23 a 26 de outubro de 1987. Foi feito também uma coisa interessante: nós estávamos trabalhando já na época, alguns cursos de pós-graduação a respeito. Nós trouxemos para Porto Alegre, para que os alunos da pós-graduação pudessem enfim ter contato mais forte, os Quartos Jogos Sul de Cadeiras de Rodas, de 28 a 30 de abril de 1988 aqui na Escola, com arco e flecha, basquete, atletismo, não sei se foi [palavra inaudível] ou tênis de mesa, não sei qual dos dois esportes foi jogado também. Natação e alguns outros esportes que não estou recordando agora e a Terceira Corrida Rústica, a Terceira Corrida de Cadeiras de Rodas no parque Redenção, ao redor do parque redenção no dia 30, no último dia desses jogos, no caso. Hoje pode parecer uma coisa muito comum, mas, naquele tempo, os alunos da Escola não tinham acesso, nem funcionários, nem professores não tinham acesso a computadores. 1984, vinte e um anos atrás, computador era uma coisa meio difícil e nós conseguimos montar lá nas piscinas uma sala com recursos computacionais, com quatro computadores. Até então tudo era feito na máquina, ofício era feito na máquina, datilografia, ata era feito no livro de atas no punho, pelo próprio punho do secretário. Enfim, não havia o recurso da internet. Se o aluno tivesse que pesquisar era no livro mesmo. Hoje temos o recurso da internet para pesquisar. Então, aqueles quatro computadores lá geraram uma disputa enorme, nós dávamos uma hora por dia por cada aluno, sem internet, para poder manusear e os professores entrando na fila e reclamação, não sei o que, mas era os quatro que nós tínhamos. Depois nós colocamos mais dois computadores, ficou para seis. E hoje nós temos aqui talvez seja o embrião do laboratório de informática aqui da Escola.

L.D. – Nós temos oito.

M.C. – Oito?

L.D. – [Palavra inaudível].

⁴¹ Restaurante Universitário.

M.C. – Assinamos um convênio com o Hospital de Clínicas de Porto Alegre⁴² para ministrar um curso de natação durante as aulas de educação física para crianças asmáticas. Então o colégio, o hospital...

L.D. - Trazia as crianças...

M.C. - Trazia as crianças para cá, determinadas horas e, os alunos da Escola junto com os professores, davam aulas para os alunos, individualmente, para as crianças asmáticas. Aí nós tivemos recebimento de verbas do Sesu-MEC para compra de material para o laboratório de Biomecânica, mas também, na época na minha direção na Escola, no tempo que eu fui diretor da Escola, também houve algumas coisas lamentáveis que aconteceram, como, por exemplo, o falecimento de quatro pessoas muito queridas aqui na Escola, que foi o primeiro diretor aqui da ESEF e fundador da ESEF o Coronel, aliás, Capitão Olavo Amaro da Silveira. Faleceu na minha gestão. Depois, no dia 24/09/1987, faleceu a professora Lênea Gaelzer em um acidente automobilístico. Ela e o marido dela estavam se dirigindo para um curso de lazer e recreação de pós-graduação lá em Santa Rosa⁴³, muito querida aqui na Escola. Lamentavelmente, não conheci o professor Olavo Amaro da Silveira, mas sempre houve muito respeito por tudo que fez aqui na Escola. A professora Lênea conviveu conosco. Foi uma perda, ainda mais de forma assim, em um acidente, uma perda muito sentida, muito lamentável. Em 16/10/1987, faleceu o professor Nei Sergio Rodrigues⁴⁴, que era um professor aposentado da Escola. Era professor de boxe aqui na Escola. Nós tínhamos boxe aqui na Escola um tempo atrás, que remonta nosso passado em que era mesmo de origem militar. O boxe era um esporte bastante praticado entre os militares. Em 17/06/1988, faleceu um professor muito querido, muito simpático, muito disposto na época em que fomos alunos aqui da Escola, o professor João Francisco Sofia que também já estava aposentado.

L.K. – O senhor falou anteriormente nas eleições, consulta à comunidade acadêmica para eleição do diretor e também tinha citado anteriormente em relação aos representantes

⁴² O Hospital de Clínicas de Porto Alegre é uma Empresa Pública de Direito Privado, criada pela Lei 5.604, de 2 de setembro de 1970. Integrante da rede de hospitais universitários do Ministério da Educação e vinculado academicamente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

⁴³ Cidadão de Estado do Rio Grande do Sul

⁴⁴ Referindo-se a Ney Serres Rodrigues

discentes nos conselhos aqui da Escola. Poderia nos falar sobre como acontecia a representação discente no momento, na época que você era aluno e depois como professor e diretor?

M.C. – Sim, eu não estava bem na data, não vou me lembrar bem da data que começou a representação estudantil. Eu sei que houve uma greve dos alunos muito forte em função do um terço da representação e nos conselhos nas universidades. Eu me recordo que quando eu era... Ingressei na Escola em 1963, havia já representação estudantil nos órgãos colegiados da Escola. O que na verdade aconteceu é que nós verificamos que a lei estava sendo, não observada, estava sendo visto que outra forma. Enquanto que a lei falava que a representação estudantil devia ser de um terço dos membros do colegiado, havia uma matemática e - a matemática se presta para isso, matemática e estatística se prestam para isso - que faziam a seguinte conta: se há oito professores e todos eram professores num órgão "x", no colegiado, um terço de oito dá dois virgula qualquer coisa, dois virgula qualquer coisa é dois. Então, eram oito professores e dois alunos. Veja, se há dez pessoas dentro uma congregação, de um colegiado teria que ser três o número de alunos. Outra vez eram nove professores dentro de um órgão colegiado, então entraram três alunos, aí formaram doze. Qual um terço de doze? Não é quatro? Então, isso sempre foi uma coisa que foi maquiada e o movimento estudantil vinha, há muito tempo, brigando por isso. E eu acho que até hoje isso aí é uma coisa...

L.K. – Isso foi no período antes da revolução?

M.C. – Não, depois da revolução. Eu acho que essa lei que eu me refiro saiu depois da revolução, embora a conquista tenha sido anterior, mas a lei foi digamos, mudaram qualquer coisa. Mas ela era entendida entre aspas, por alguns [palavra inaudível] em jurisprudência, direito, dizendo que não, que a matemática era essa. Então, para mim, a matemática estava errada. Se eram doze pessoas, um terço para mim é quatro, então geralmente quando eram doze, eram três alunos e nove professores, se eram treze então eram quatro alunos. Até acho que lá pelas tantas o arredondamento para menos até é uma coisa para mim, tinha que ser feito o arredondamento matemático certo: acima de 2,5 é três, abaixo de 2,5 é dois, mas não. Era feito o arredondamento sempre para baixo, 2,99 era dois. Isso era uma coisa que não era muito justo no meu ponto de vista. Isto se refletia

fundamentalmente nesses órgãos que eram pequenos em termos de número de pessoas. Quando o órgão tinha como o conselho universitário 52 pessoas, já não era tão difícil assim, porque a representação estudantil lá era forte, era grande, forte em termos de número.

L.K. – E quando o senhor foi diretor também, a porcentagem de alunos era a mesma?

M.C. – Sim, porque na verdade o seguinte: nós tínhamos que seguir a orientação da Reitoria a respeito porque se não todas as decisões que nós tomássemos nos órgãos colegiados não valeria.

L.K. – E nessa consulta universitária pela comunidade da ESEF na eleição para diretor, qual foi o peso dos votos dos professores, alunos e funcionários?

M.C. – Não estou lembrado agora, mas foi mais alta do que foi a que a UFRGS tomou como ponto de partida para fazer a previa entre professores, funcionários e estudantes. É, a partir do caso do professor Alceu⁴⁵...

L.K. – Alceu?

M.C. – Alceu Ferrari⁴⁶. Naquele ano foi justamente o percentual que nós conversamos antes, 70 por cento para professores e 15/15 para funcionários e, isso foi o que a UFRGS fez. A nossa aqui foi mais alta, mas não me recordo quanto foi.

L.K. – Como, digamos o senhor foi Pró-Reitor e tal, como que era o relacionamento com a comunidade acadêmica?

M.C. – Olha, eu tenho a impressão que o seguinte: a grande coisa que eu fiz na Escola foi o relacionamento que eu tive com os alunos, não só aqui na Escola como lá fora também. Eu sempre fui muito de discutir as coisas e, quando eu fui chamado para ser o Pró-Reitor, o

⁴⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁶ Alceu Ravello Ferrari

professor Erasmo Trindade⁴⁷ me disse: “Olha, nós sabemos da tua atuação lá na ESEF e tal e aqui vai ser uma atuação igual a da ESEF, mas mais expandida porque é todo universo de estudantes da universidade”. Me recordo que, naquela oportunidade, a universidade beirava os 17.000 estudantes. Então foi muito, foi meio forte assim, foi meio pesado como Pró-Reitor e foi muito pesado. Para você ter uma idéia, quando nós assumimos a Pró-Reitoria, nós fomos levantar os estudantes que moravam na casa dos estudantes, moradores da casa dos estudantes, porque nós não tínhamos uma relação de nomes. Quem é que morava na casa dos estudantes? E se aquilo lá pegar fogo, quem é que morreu lá dentro? Nós não tínhamos os nomes das pessoas. Então nós fizemos um questionário: nome, quarto que está, não sei o que mais, curso que está fazendo, não sei o que e entregamos e pedimos que retornassem até segunda-feira. Bom, para ter uma idéia, recebemos assim, mais ou menos, 10 por cento desses questionários. Questionários simplesinho, não ia muito longe. E alguns, inclusive esfregaram o documento com fezes e nos colocaram, nos ligaram, logicamente, de forma anônima, nossa caixa de correspondência ficou com fezes. Então, foi um momento muito difícil. Mas, por trás de nós, tinha uma lista muito grande de estudantes que estavam querendo entrar na casa e aí eu fiz uma grande reunião com os estudantes que estavam querendo entrar na casa. Eu disse: “Olha, o negócio é o seguinte: lá dentro tem uma turma que não é mais estudante”. E aí nós começamos a descobrir os casos. Nós tínhamos uma estudante lá dentro, por exemplo, que estava a 21 anos na casa do estudante. Ela tinha feito a disciplina de cálculo 1, no curso de engenharia, 41 vezes. Essa menina era estrangeira e ela tinha uma banca de camelô na Rua da Praia⁴⁸. Em algum lugar de Porto Alegre, ela tinha uma banca disso aí. Lá dentro nós tínhamos dois grupos que coordenavam o tráfico de drogas não só na casa do estudante como na universidade, que nos ameaçavam por telefone. Descobriram nosso número de telefone em casa e nos ameaçavam por telefone, inclusive colocando nome de filho, tudo na história. No primeiro momento, o Diretório Central dos Estudantes não deu muita guarita a minha idéia de mexer lá dentro, mas, com a pressão dos que estavam querendo entrar lá dentro, nós começamos a mostrar que tinham alunos lá dentro, começamos a descobrir com o tempo quem estava lá dentro, fizemos um mapa. No mapa dizia assim: “Bom, aquele rapaz está se dirigindo para o quarto andar, no quarto 412. Bom, o cara mora no quarto 412, mas quem é

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁸ Rua dos Andradas, localizada no centro de Porto Alegre.

o cara? É o João. Mas quem é o João? João Francisco⁴⁹ que é aluno da...”. E, aos pouquinhos, montamos o mapa para o pessoal. E, aos pouquinhos, começamos a descobrir a situação. Bom, tinha gente que estava formada lá dentro, porque as chaves da casa eram vendidas na verdade. Eu era aluno, estou me formando e voltando para minha terra e tal e passo a chave da casa por 300 reais, 500, sei lá quanto. O que eu achar que vale o meu quarto na casa. Principalmente a casa do centro. Do centro tem R.U., mas também acontecia na casa da São Manoel⁵⁰, acontecia também na casa da Agronomia. Bom, e aí que se fez: lá pelas tantas, eu formei uma comissão de cinco pessoas. Uma pessoa do nosso departamento, uma assistente social, que fazia o levantamento socioeconômico para ver se os alunos esses eram, botar em ordem quem que devia estar dentro da casa, botamos um representante dessa turma que queria entrar lá dentro. Eles fizeram uma assembléia e decidiram o cara para brigar, botamos um membro do DCE, botamos um membro da casa, alguém da casa, foi uma briga, foi a coisa pior que nós tivemos. Não apresentavam nunca o nome. Eu digo: “Olha, vai começar a funcionar a comissão sem o membro de vocês. Vocês não vão”. Então, essa comissão começou a resolver o seguinte: quem deveria sair e quem deveria entrar. Entrar era difícil porque não era a Reitoria que decidia, eram os alunos com o apoio de documentos, de dados, enfim. Aí começou a briga, inclusive nós tivemos casos de juizes de vara de Porto Alegre. Essa guria, por exemplo, que morava a 21 anos dentro da casa. Ele escreveu uma liminar favorável a ela porque ela não tinha onde morar. Aí nós tivemos que colocar a procuradoria da UFRGS para derrubar a liminar e tal. Então nós conseguimos em dois anos, mais ou menos, trocar 80 por cento dos moradores da casa que não eram mais estudantes.

L.D. – Nossa, 80 por cento.

M.C. – Então, aquela era uma maravilha, foi uma beleza. Eram 552 vagas nas três casas dos estudantes e nós trocamos 80 por cento, quatrocentos alunos ali dentro. Isso, nós fizemos algumas coisas assim, digamos, cara que estava a oito anos fazendo o curso de quatro, fica lá mais um pouco, mas nós demos um prazo para ele. Bom, então tu estás a recém na metade do curso como o caso do Leon⁵¹ assim, por exemplo [risos], para quem morava na casa do estudante, mas não é o caso. Tu não mora na casa do estudante. Tem

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁰ Rua onde se localiza uma das casas dos estudantes.

mais dois anos para se formar ou então saía da casa, que têm outros que querem ficar na casa. Aliás, o que estava citado era a contribuição. Aí eu tirei o meu time de campo e foi uma beleza, o que se modificou. O R.U. nós também fizemos modificações fortes, pedindo que os alunos ajudassem a controlar o R.U em termos de entrar quem não podia entrar para cuidar da qualidade da comida, havia muito desvio de...

L.D. – De verba.

M.C. – Não de verbas, incrivelmente, não era verba que era desviada. Era assim: nós contratávamos, por exemplo, carne, eram bifes de primeira e nós entregávamos os bifes. Então, eram 11 bifes para fazer um quilo, carne de primeira, podia ser picanha, podia ser patinho, podia ser coxão mole, para formar um quilo de carne de primeira e vinha carne de segunda para os alunos como se fosse carne de primeira. Nós contratávamos, por exemplo, laranja de tal tipo, vinha laranja podre, vinha laranja não sei o que, o tomate também era a mesma coisa, a cebola também era, enfim a cebola que era a mais ruim era a que... Com a convivência de algumas pessoas. Então, nós começamos a ajeitar isso tudo, fizemos com que houvesse também dentro do R.U. um não desperdício de comida, que foi um serviço muito forte. Tu recebia a bandeja pronta e tu não gostava de feijão tu botava o feijão todo fora, então tu mesmo te servia. O feijão tu não gosta, não vai no feijão, vai no arroz. E havia também pratos suplementares que foram feitos, tinha o dia do peixe, mas acontece que o dia que tinha peixe ninguém comia peixe, acontece que tinha bife e peixe e todo mundo sabendo que amanhã teria bife novamente, mas hoje tem peixe e bife. Então, alguns pegam bife, outro dia alguns pegavam mondongo, outros não pegavam. Então, era um segundo prato sempre de carne também. E conseguimos manter.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁵¹ Entrevistador.